

Arte e Educação no Brasil Linguagem, Expressão e Objeto do Conhecimento

Jinlova de Oliveira Pantaleão

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar o conhecimento e o ensino da arte ao longo dos anos, e entender que tem sido historicamente construído e reinventado, criando e recriando diferentes formas de expressão e linguagens de investigação do mundo. A Arte é um campo do conhecimento que sempre está associada a novas formas de ver, sentir e agir no mundo. Portanto, através do trabalho docente nas escolas, buscamos apresentar teoricamente os Parâmetros Curriculares Nacionais em Arte, assim como a Base Nacional Comum Curricular, contextualizando Arte com os demais componentes curriculares da Educação Básica, percebendo os modos de produção, relacionando-os com a sociedade contemporânea. Em meio a tantas direções a seguir no ensino e aprendizagem de Artes, apresentamos os fundamentos da educação em Paulo Freire e os conceitos de Arte Clássica, Arte Popular e Artesanato e sua poética, concluindo a pesquisa com um modelo de Plano de Ensino, entendendo o fazer artístico como experiência política, de comunicação humana e produção cultural.

Palavras-chave: Arte e Educação; Linguagem; Expressão; Objeto do Conhecimento.

Abstract

This search has presented the knowledge and the education of the time of these years and the historically built and reinvented, creating and recreating different forms of expression and languages of investigation of the word. Art is a field of knowledge that always is associated with new ways of seeing, feeling and acting in the world. Therefore through the teaching work in schools, sought to act theoretically as the National Curricular Parameters in Art, as well as a National Curricular Common Base, contextualizing the Art with the other curricular components of Basic Education, realizing the modes of production, relating to contemporary society. Among the following classes, in the teaching and learning of Arts, presenting the fundamentals of education in Paulo Freire and the concepts of Classical Art,

Folk Art and Crafts and his poetics , concluding the research with a model of Teaching Plan, understanding the political, human communication and production cultural.

Keywords: Art and Education; Language; Expression; Object of Knowledge.

1.Introdução

1.1 Arte e Educação: significados e histórias

Pesquisadora pioneira da arte-educação desde a década de 1970, Ana Mae Barbosa afirma em seus estudos que, no Brasil, o ensino artístico, muito lentamente, se vem libertando do acirrado preconceito com o qual a cultura brasileira o cercou durante quase 150 anos em que sucederam à sua implantação. Durante o reinado e o império, a necessidade de formar uma elite que defendesse a colônia dos invasores e que movimentasse culturalmente a Corte, enquanto que durante os primeiros anos de República, foi a necessidade de uma elite que governasse o país o que norteou o pensamento educacional brasileiro e reiterado o preconceito contra o ensino da arte, simbolizado pela academia de Belas-Artes, servindo à conservação do poder. Nossa tradição era marcadamente barroco-rococó, e a Academia de origem francesa, determinantemente neoclássica, marcou os ensinamentos e as atividades artísticas na Corte.

O país importava modelos da Europa com enorme atraso, a “modernidade”, representada pelo neoclássico, provocou suspeição e arredamento popular em relação à Arte. A Missão Francesa já encontrou uma arte distinta, de traços originais que podemos chamar de barroco brasileiro. Nossos artistas, todos de origem popular, mestiços em sua maioria, eram vistos pelas camadas superiores como simples artesãos, mas não só quebraram a uniformidade do barroco de importação, jesuíticos, apresentando contribuição renovadora, como realizaram uma arte que já poderíamos considerar como brasileira.

Com o processo de interrupção da tradição da arte colonial, que já era uma arte brasileira e popular, acentuou-se o afastamento entre a massa e a arte, além do fato de que a “emotividade” e o sensualismo do mestiço brasileiro encontravam no barroco formas mais próprias de expressão, suscetíveis de autenticidade. Afastando-se a arte do contato popular, reservando-a aos talentosos, alimentou-se um dos preconceitos contra a arte até hoje acentuada em nossa sociedade, a ideia de arte como uma atividade supérflua, um acessório da cultura.

Nos inícios do século XX, pelo menos até o final da Primeira Guerra Mundial, tivemos um prolongamento das ideias que embasaram o movimento republicano de 1889, refletindo sobre objetivos do ensino da Arte na escola secundária e primária. A metodologia da Escola de Belas-Artes influenciou grandemente o ensino da Arte a nível primário e, principalmente, secundário, durante os vinte e dois primeiros anos do século XX (BARBOSA, 1978). Neste momento, a preocupação central a respeito do ensino da Arte, era a implantação nas escolas primárias e secundárias e mesmo a sua obrigatoriedade, reivindicando um lugar para Arte no currículo. (BARBOSA, 1978)

Desde os inícios do século XIX era o desenho, dentro da pedagogia neoclássica, o elemento principal do ensino artístico, levando a precisão da linha e do modelado, continuando até o século XX; agora, considerando o desenho mais uma forma de escrita que uma arte plástica. Esta identificação do Desenho com a escrita, foi argumento não só para tentar vencer o preconceito contra a Arte como também argumento para demonstrar que a capacidade para desenhar era natural aos homens ou, pelo menos, acessível a todos e não um dom ou vocação excepcional.

Entre 1885 e 1895, verificamos o primeiro surto industrial brasileiro, reforçando o ideal da educação para o progresso da Nação e a defesa da Arte aplicada à indústria no currículo.

A Primeira Guerra Mundial, acelerando o processo brasileiro de industrialização, valorizou as escolas profissionais, com a produção dos países europeus desviada para os esforços de guerra, cessou a importação de produtos manufaturados que o Brasil consumia. (HALL, 2011)

Influenciada pelo positivismo e o neoclassicismo, o conteúdo da Geometria se vinculava ao estudo dos conceitos de linha, figuras e sólidos geométricos e ao traçado preciso com uso de instrumento. (BARBOSA, 1978)

Em 1971, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 5692), reformulou a Educação Brasileira estabelecendo, exclusivamente para o segundo grau,¹ uma educação tecnologicamente orientada para profissionalizar a mão-de-obra barata para as companhias multinacionais que adquiriram grande poder econômico no País sob o regime da ditadura militar de 1964 a 1983. Neste período não tínhamos cursos de arte-educação nas universidades, apenas cursos para preparar professores de desenho, principalmente desenho geométrico. (Barbosa, 1989).

¹ Expressão da época, o 2º grau corresponde ao atual Ensino Médio.

A Arte,² conforme determinação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), é uma disciplina obrigatória nas escolas. Pela elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais, em 1997, a educação em Arte passa a ser considerada na organização dos currículos por propiciar o desenvolvimento do pensamento artístico, que se caracteriza por um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio desse pensamento, o aluno ampliaria sua sensibilidade, percepção, reflexão e imaginação. Aprender arte envolve, basicamente, fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles. Envolve também, conhecer, apreciar e refletir sobre as diferentes formas da natureza e produções artísticas individuais e coletivas, de distintas culturas e épocas.

Expõe-se, assim, uma compreensão do significado da arte na educação, explicitando conteúdos, objetivos e especificidades, tanto no que se refere ao ensino e à aprendizagem, quanto no que se refere à arte como manifestação humana.

Na proposta geral dos Parâmetros Curriculares Nacionais, Arte tem uma função tão importante quanto a dos outros conhecimentos no processo de ensino e aprendizagem. A área de Arte está relacionada com as demais áreas e tem suas especificidades.

Na atualidade, com a elaboração da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2018, o componente Arte compõe a área de Linguagens do currículo escolar, e deve propiciar aos alunos uma forma singular de conhecimento nas dimensões da criação, da crítica, da expressão, da fruição e da reflexão. A aprendizagem em Arte também tem como objetivo promover o desenvolvimento do pensamento criador, da ludicidade, da capacidade de descoberta e de resolução de problemas, da sensibilidade estética, assim como a formação em relação aos valores humanos fundamentais. Os atos de criação ocorrem quando os alunos vivenciam as dimensões do conhecimento do modo autoral.

A aprendizagem do mundo das artes possibilita aos alunos a realização de leituras críticas e perspicazes das diferentes formas de manifestação das culturas e dos contextos em que a arte é gerada, conferindo significado ao que se aprende, porque abre campo para que cada estudante construa sua identidade cultural dialogando simbolicamente com as imagens de que desfruta, com as músicas que houve, com os espetáculos de dança e teatro que assiste e com as informações que tem acesso, especialmente as produções contemporâneas. Desse modo, o contato com as diferentes linguagens artísticas é um aprendizado que expande as possibilidades de participação social.

² Segundo a Base Nacional Comum Curricular (2018), quando se trata da área curricular, grafa-se “Arte”. Nos demais casos, grafa-se “arte”.

Segundo Iavelberg (2003), estudiosa do ensino de Arte, esse componente curricular na educação promove a formação integral do aluno, pois ela circunscreve uma perspectiva crítica e inclusiva. Em tal ótica se aprende sobre o valor da diversidade e da interculturalidade visando à equidade em uma sociedade justa e democrática. Além disso, segundo a autora, as produções artísticas dos estudantes podem ser socializadas na escola, envolvendo educadores, familiares e a comunidade nos processos educativos. As atividades não se restringem ao espaço físico da escola; os alunos dialogam e se comunicam com o universo mais amplo onde se situam e são veiculadas as diferentes produções artísticas, tanto em contato direto quanto por intermédio do uso de diferentes mídias e das tecnologias da informação e da comunicação.

As habilidades e competências assimiladas pela aprendizagem de Arte colaboram positivamente na aprendizagem dos demais componentes e áreas curriculares (Matemática e suas tecnologias, Ciências da Natureza e suas tecnologias, Linguagens e suas tecnologias e Ciências Humanas e suas tecnologias), situando a Arte na escola como um componente curricular que:

possui conteúdos e ações de aprendizagem próprios. Compreendida como manifestação humana ancestral, seu estudo na educação escolar tem como objetivo expandir as possibilidades de participação social e o desfrute do patrimônio cultural material e imaterial em sua pluralidade, como bem de direito do aluno que queremos formar (IAVELBERG, 2003, p. 9).

Assim, o ensino da Arte deve manter um diálogo com os outros segmentos do currículo em que seus objetivos estejam direcionados na aprendizagem do estudante.

Sabe-se que a existência de um ambiente afetivo relacional entre o professor e os alunos é muito importante para as aprendizagens, na interação individual entre o docente e o estudante e na promoção de propostas de aprendizagem colaborativa entre os estudantes, proporcionadas pelas relações integradoras em sala de aula. No ensino da Arte esse ambiente é necessário, pois favorece a construção da autoestima positiva e do papel do estudante que cria ao aprender, porque cada aluno se coloca como sujeito participante de um coletivo, que dialoga com o conhecimento do componente e se identifica progressivamente com a produção dos artistas em uma perspectiva plural, ou seja, incluindo a diversidade das culturas e dos diferentes grupos sociais dos quais passa a ter contato.

Assim, a educação em Arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência

humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas.

Esta área também favorece ao aluno relacionar-se criadoramente com as outras disciplinas do currículo. Por exemplo, o aluno que conhece arte pode estabelecer relações mais amplas quando estuda um determinado período histórico. Um aluno que exercita continuamente sua imaginação estará mais habilitado a construir um texto, a desenvolver estratégias pessoais para resolver um problema matemático.

Conhecendo a arte de outras culturas, o aluno poderá compreender a relatividade dos valores que estão enraizados nos seus modos de pensar e agir, que pode criar um campo de sentido para a valorização do que lhe é próprio e favorecer abertura à riqueza e à diversidade da imaginação humana. Além disso, torna-se capaz de perceber sua realidade cotidiana mais vivamente, reconhecendo objetos e formas que estão à sua volta, no exercício de uma observação crítica do que existe na sua cultura, podendo criar condições para uma qualidade de vida melhor.

Uma função igualmente importante que o ensino da arte tem a cumprir diz respeito à dimensão social das manifestações artísticas. A arte de cada cultura revela o modo de perceber, sentir e articular significados e valores que governam os diferentes tipos de relações entre os indivíduos na sociedade. A arte solicita a visão, a escuta e os demais sentidos como portas de entrada para uma compreensão mais significativa das questões sociais. Essa forma de comunicação é rápida e eficaz, pois atinge o interlocutor por meio de uma síntese ausente na explicação dos fatos.

A arte também está presente na sociedade em profissões que são exercidas nos mais diferentes ramos de atividades; o conhecimento em artes é necessário no mundo do trabalho e faz parte do desenvolvimento profissional dos cidadãos.

O conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender.

O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta, da

sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida.

Esta área também favorece ao aluno relacionar-se criadoramente com as outras disciplinas do currículo. Por exemplo, o aluno que conhece arte pode estabelecer relações mais amplas quando estuda um determinado período histórico. Um aluno que exercita continuamente sua imaginação estará mais habilitado a construir um texto, a desenvolver estratégias pessoais para resolver um problema matemático. Conhecendo a arte de outras culturas, o aluno poderá compreender a relatividade dos valores que estão enraizados nos seus modos de pensar e agir, que pode criar um campo de sentido para a valorização do que lhe é próprio e favorecer abertura à riqueza e à diversidade da imaginação humana.

Além disso, torna-se capaz de perceber sua realidade cotidiana mais vivamente, reconhecendo objetos e formas que estão à sua volta, no exercício de uma observação crítica do que existe na sua cultura, podendo criar condições para uma qualidade de vida melhor. Uma função igualmente importante que o ensino da arte tem a cumprir diz respeito à dimensão social das manifestações artísticas. A arte de cada cultura revela o modo de perceber, sentir e articular significados e valores que governam os diferentes tipos de relações entre os indivíduos na sociedade.

A arte solicita, assim, a visão, a escuta e os demais sentidos como portas de entrada para uma compreensão mais significativa das questões sociais. Essa forma de comunicação é rápida e eficaz, pois atinge o interlocutor por meio de uma síntese ausente na explicação dos fatos. arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender.

O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida.

1.2 Complexidade do conhecimento

De acordo com Morin, para articular e organizar os conhecimentos e assim reconhecer e conhecer os problemas do mundo, é necessária a reforma do pensamento. Esta

reforma é necessária para organizar o conhecimento, pois é paradigmática; pensando na educação do futuro, há uma inadequação cada vez mais ampla, com os saberes divididos e compartimentados e as demandas das realidades cada vez mais globais e multidimensionais.

É necessário que o conhecimento seja significativo, fazendo-se necessária contextualizá-lo, não tratando as informações de forma isolada; seja global, relacionando o todo e as partes, "considerando ser impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, tampouco conhecer o todo sem conhecer as partes" (Pascal apud Morin, pg 37); assim tornando o conhecimento multidimensional e, por fim, complexo, significando para Morin, a união entre a unidade e a multiplicidade. (pg 38)

Os saberes construídos ao longo da vida é algo que se faz de forma individual, e também coletiva com o auxílio de professores e colegas. A interdisciplinaridade auxilia de uma forma significativa a construção desses saberes através de estratégias que socializem o indivíduo. No campo das Ciências da educação, o conceito interdisciplinaridade vem sendo desenvolvido desde meados dos anos 80, como movimento contrário a disciplinarização, que pode ser entendida com base em Japiassu (1976), como fragmentação do conhecimento em domínios específicos. Conforme desta Fróes Burnham (2001, p.39). Apud Ead freiriana

[...] a excessiva fragmentação e compartimentalização do conhecimento nas organizações curriculares; [...] observa-se que as disciplinas são tratadas como conteúdos estanques, com pouca ou nenhuma interconexão, tanto entre si, quanto em relação ao mundo concreto e à experiência vivida.

Freire (1989) Apud Ead freiriana, afirma, que nesse sentido, parece que a leitura que se faz da escola se distancia cada vez mais da leitura do mundo. Tanto que ao nos depararmos com as escolas e suas realidades percebemos uma fragmentação do ensino, que ocorre inicialmente através da divisão por disciplinas, e posteriormente com os tempos curtos de aula, esfacelando assim, as possibilidades de uma educação integral, pois continuam apontando mais para o conteúdo que para o conhecimento a ser alcançado. Quais as possibilidades então de ultrapassar estes limites?

Lembrando que esse posicionamento de segurança não se faz sozinho, não é fruto do livre arbítrio, mas das relações, dos atravessamentos com ideias, experiências, objetos, lugares, tempos. O dever professor cosmopolita não depende da necessidade de que algo aconteça, mas das ações e relações escolhidas no momento que busca por inovação.

Além das questões relacionadas à educação, temos também às questões relacionadas à arte popular no Brasil, que veremos à seguir.

2- Conceitos de Arte

2.1 Arte Clássica

A arte e cultura clássicas, muitas vezes denominadas como Antiguidade Clássica, constituem o estilo artístico e cultura predominantes na Grécia Antiga entre os séculos VI e IV a.C. tendo a sua herança continuada pelos diversos períodos político-culturais da Roma Antiga. Na Antiga Grécia, o estilo clássico veio substituir o arcaico, que era baseado na tradição religiosa pré-democrática e que tinha por característica imagens geometrizadas e pouco naturalistas.

Com o advento de uma sociedade mais laica, em fins do século V, e ligada ao pensamento filosófico, os artistas tiveram que buscar uma solução que ligasse o divino (pois a arte ainda era encomendada para representar deuses e motivos religiosos) ao humano (novo campo de interesse ligado à política democrática da *pólis* e de pensadores como os sofistas e os filósofos, preocupados em compreender a relação entre o homem e o universo). Nesse contexto, construíram uma estética naturalista mas idealizada, baseada em cânones que eram a média das características físicas das pessoas mais belas. (GOMBRICH, 1983)

Na Antiguidade greco-romana, período conforme a História da Arte que vai do século IV a.C. ao século I d.C., não vai se vislumbrava qualquer diferenciação entre arte e técnica, o mesmo é dizer, entre artista e artesão. A *teknê* grega, bem como a *ars* latina referiam-se não só a uma habilidade, a um saber fazer, a uma espécie de *conhecimento técnico*, mas também ao *trabalho*, à *profissão*, ao desempenho de uma tarefa. O técnico era aquele que executava um trabalho, fazendo-o com uma espécie de *perfeição ou estilo*, em virtude de possuir o conhecimento e a compreensão dos princípios envolvidos no desempenho. Sempre associada ao *trabalho dos artesãos*, a arte era susceptível de ser *aprendida e aperfeiçoada*, até se tornar uma competência especial na produção de um objeto.

Por não resultarem apenas de uma competência ou mestria obtidas por aprendizagem, mas sobretudo do bafejo de um talento pessoal, a composição musical e a poesia não faziam parte da arte. Predominaram na época os nus masculinos e a representação de atletas.

Entre os séculos XIV ao XVI, ocorreu o Classicismo, período de Renascimento Cultural, um movimento cultural que valorizou e resgatou elementos artísticos da cultura clássica (greco-romana). Nas artes plásticas, teatro e literatura. Já na música, ele apareceu na metade do século XVIII (Neoclassicismo).

O Classicismo tem como características a valorização dos aspectos culturais e filosóficos da cultura das antigas Grécia e Roma, influenciado pelo pensamento humanista, o homem passa a ser considerado o centro do Universo por meio de críticas às explicações e a visão de mundo pautada pela religião, caracterizado pelo racionalismo, ou seja, a valorização das explicações baseadas na ciência, e no saber concreto. Busca-se um equilíbrio, rigor e pureza formal pela abordagem de temas universais como, por exemplo, os sentimentos humanos.

O Neoclassicismo, movimento artístico surgido na Europa por volta de 1750, foi, caracterizado pela pintura, literatura, escultura e arquitetura, que durou até meados do século XIX. O objetivo principal desse movimento foi o resgate dos valores estéticos e culturais das civilizações da Antiguidade Clássica (Grécia e Roma) com a valorização de temas como os heróis e seres da mitologia grega, por exemplo, Na pintura prevalece a valorização da simplicidade e pureza estética em contraste com os rebuscamentos, dramaticidades e complexidades do Barroco e do Rococó. Na Literatura, os textos revelam-se pela síntese, clareza e perfeição gramática. Na escultura, há forte influência das formas clássicas do Renascimento. Os artistas neoclássicos optaram pela cor branca natural do mármore, um resgate dos escultores gregos e romanos.

Para Sennett (2009), os pensadores do Iluminismo, movimento intelectual que surgiu durante o século XVIII na Europa, que defendia o uso da razão, consideravam inatas as habilidades para exercer um determinado ofício. A moderna biologia corrobora essa convicção; graças ao progresso da neurologia, adquirimos uma compreensão mais clara da geografia da habilidade no cérebro.

A seguir, veremos como as habilidades manuais se manifestam através de inúmeras possibilidades que requerem organização social e cultural, e como afirma o platonismo (SENNETT, 2009, p. 307), embora você possa ter uma capacidade inata inferior aos outros, faça o melhor uso dos trunfos que recebeu.

2.2 Arte Popular

Arte Popular é a atribuição que se dá às produções artísticas (pintura, literatura, escultura, etc.) com relevante valor de pessoas que nunca se especializaram, de fato, em arte frequentando escolas, cursos, etc. Basicamente, é a arte do povo, conforme definição do dicionário Aurélio. A cultura popular é a principal raiz dessa arte.

O artista popular cria sua arte, muitas vezes, de maneira solitária, em alguns casos com ajuda da família. De maneira geral, não consegue sobreviver e sustentar família somente dos trabalhos artísticos realizados. Os principais compradores e revendedores da arte popular são feiras e mercados.

Não é de hoje que a discussão sobre a fragilidade da fronteira que costuma separar a chamada “cultura culta” da “cultura popular” ganha volume e consistência. E são cada vez mais nítidas as evidências de que, no fundo, o que efetivamente existe é um enorme preconceito em relação às artes populares. É como se alguém tivesse o direito, baseado em critérios um tanto tênues, de determinar o que é arte e o que é artesanato, o que é cultura e o que é pitoresco. É como se aos artistas populares fosse proibido o reconhecimento de que seus trabalhos têm outras qualidades, além de ser primitivos. Como se a alta qualidade estética fosse um patamar reservado apenas aos artistas que tiveram educação formal, e cultura fosse um monopólio que só por eles poderia ser exercido. E os equívocos e preconceitos não terminam aí: tornou-se usual estabelecer que a arte popular só pode ser encontrada fora dos centros urbanos, como se fosse um triste privilégio das populações rurais. (FROTA, 2005)

De acordo com Frota (2005), a designação polissêmica de “popular” abrange desde a classe trabalhadora que mantém uma rede de relações viva e compartilhada em seu território, no campo ou na cidade, bem como um universo heterogêneo de camadas, constituídos de “pequenos proprietários, boias frias, pescadores, desempregados, semi-empregados, marginais do mercado de trabalho e de todos tipos, empregados domésticos, funcionários públicos, entre outros.”

2.3 Artesanato

Até recentemente, os evolucionistas consideravam que foram os usos da mão, e não das alterações em sua estrutura, que acompanharam o aumento do cérebro.

Sob a ótica da produção, Sennet (2009), e o filósofo moderno Raymond Tallis, médico de formação, ao comparar as possibilidades de movimentação do polegar na articulação do chimpanzé e do homem afirma: “Como nos chimpanzés, a articulação é composta de superfícies côncavas e convexas engatadas que formam uma sela. A diferença entre nós e os chimpanzés é que, neles, a sela está mais engatada, o que restringe os movimentos, impedindo, em particular, a oposição do polegar aos outros dedos.” (SENNET,

2009, p. 170). Quando um animal como nós é capaz de segurar um objeto com segurança, dá-se a evolução cultural.

Para Zanini (1983) o artesanato brasileiro resulta, basicamente, da convergência de vertentes culturais europeias, indígenas e negro-africanas. Ao se particularizar, na mesma obra, as contribuições dos indígenas e dos negros, somos tentados a simplificar o esquema de abordagem dos conteúdos da nossa cultura material, seguindo o rumo das vertentes europeias. Nada autoriza a simplificação. Sabemos que, ao submeter o índio e o negro, na tentativa de organizar uma sociedade dependente, o europeu impôs o seu modelo de cultura. Mas, ao impor-se, não pôde o modelo manter-se íntegro e sofreu, no curso do tempo, mudanças qualitativas consideráveis.” O autor diz que o artesanato, entendido como método de trabalho, deve ser entendido, por sua vez, como fator da produção nas relações com a vida econômica. Considerando a aversão do europeu ao trabalho manual, ditas artes menores, o artesanato haveria de expandir nas classes “inferiores” da sociedade colonial.

2.4 Poética

No Brasil, o termo “Arte Popular” tem sido atribuído à produção artística de pessoas que nunca frequentaram escola especializadas, mas que produzem obras com relevante valor estético e artístico. Um exemplo é o escultor Cícero Alves dos Santos, que teve projeção de seu trabalho através da Galeria Estação (uma galeria de arte localizada em SP, especializada em Arte Popular Brasileira) tendo em seu acervo obras provenientes apenas do imaginário do povo brasileiro. Mais conhecido como Véio, o fascínio por casos e lendas da cultura sertaneja acompanha o trabalho do artista por toda a vida. Essas histórias compõem a base de seu trabalho e de sua relação com o mundo, mesmo sem nunca ter estudado arte, tampouco ter tido mestres para se formar, mas sempre se dedicou a ela com afinco. Ainda menino, nos intervalos do trabalho na roça, molda com cera de abelha pequenas figuras. Por considerar a atividade como “brincar de boneca”, desmancha as esculturas quando se aproxima um adulto.

Com o tempo, abandona a cera e adota a madeira como matéria-prima. Mas não derruba árvores para obtê-la, pelo contrário, seu instinto preservacionista leva-o a adquirir o último trecho de mata virgem da região: “Dou vida ao que já está morto”, dizia. Com forte impulso criativo, dedicou-se exclusivamente à escultura, decisão recebida com estranheza pela família e por conhecidos. Optou, assim, pela vida austera, orgulhando-se de nunca ter de trabalhar para outrem e recusar-se a vender suas obras quando julga que o comprador não a valoriza.

Em outras palavras, jamais compromete sua arte para garantir a sobrevivência, nem considera seu trabalho artístico como mero meio de vida. O escultor foi um dos escolhidos pelo Prêmio Itaú Cultural 30 Anos, realizado em 2017, que destaca artistas que impactaram o cenário cultural brasileiro nas últimas décadas. Com um método de trabalho claro e fértil, separa suas obras em dois grupos: “As peças maiores, coloridas, são vistosas, falam alto. São visíveis a distância, criam clareiras ao seu redor, mesmo quando atulhadas, como acontece em seu depósito, oficina e museu. Já as menores, que preservam a textura da madeira crua, são discretas, falam baixo”, sintetizam Carlos Augusto Calil e Agnaldo Farias, curadores da retrospectiva do artista realizada em 2018 no Itaú Cultural.

Os trabalhos de maior dimensão são produzidos a partir de “troncos abertos”, como Véio chama os pedaços de madeira cujos ângulos e formas lhe sugerem o caminho a seguir. A eles agrega cores industriais, vibrantes e intensas, que dão coerência às esculturas e, segundo o crítico Rodrigo Naves, geram um “efeito pop”. Essas figuras antropomórficas, que brotam do imaginário do artista ao entrar em contato com a peça a ser entalhada, dificilmente podem ser reduzidas à arte popular.

Segundo o crítico Ronaldo Brito, as obras de Véio fogem do virtuosismo mimético característico desse tipo de produção para aproximar-se de questões próprias à arte moderna e contemporânea. Além da contenção do gesto e das cores impactantes, esses trabalhos questionam a própria noção de espaço da arte.

Véio distribui suas estranhas figuras pelo sítio, como se fossem habitantes do local e refere-se a elas como portadoras de história e vida. Mas a aparência dessas esculturas transmuta-se facilmente, dependendo do local e da posição em que se encontram, como os troncos que utiliza em suas obras: “Deitada, estava pedindo socorro; em pé, ela quis me abraçar”.

Alguns temas são recorrentes em suas esculturas: cenas domésticas, com mães e seus filhos, a labuta dos artesãos e do homem do campo, o descaso com a cultura e a solidão impotente dos índios. Véio também se abre para a torrente de mitos, lendas da cultura nordestina e encanta o público com sua mescla de fantasia e destreza.

Outro aspecto interessante da arte popular podemos encontrar na exposição que está em cartaz no MASP até 28 de julho, “Tarsila popular”. O enfoque “popular”, noção tão complexa quanto contestada, Tarsila soube explorar de diferentes modos em seu trabalho ao longo de sua carreira. O popular está associado aos debates sobre uma arte ou identidade nacional e a construção de uma “brasilidade”. As narrativas populares que ela construiu,

sofrem críticas até hoje no Brasil, por sua filiação e genealogias francesas, possivelmente em busca de uma legitimação internacional da artista. Tarsila desenvolveu seu trabalho com base em vivências e estudos em Paris a partir de 1923, mas aprendeu a devorar os estilos modernos da pintura europeia, como o cubismo, para digeri-los e, de maneira antropofágica, produzir algo singular. A noção de antropofagia, criada por Oswald de Andrade (1890-1954), nos remete a um programa poético através do qual intelectuais brasileiros canibalizaram referências culturais europeias com o objetivo de digeri-las e criar algo único, híbrido, além de incluir elementos locais, indígenas e afro-brasileiros. Para artista, o popular se manifestava através das paisagens do interior ou do subúrbio, da fazenda ou da favela, povoadas por indígenas ou negros, personagens de lendas e mitos, repletas de animais e plantas, reais ou fantásticos. A paleta de cores de Tarsila também é popular por selecionar cores conhecidas popularmente como “azul puríssimo, rosa violáceo, amarelo vivo, verde cantante”. (OLIVA; PEDROSA, 2018)

3 – Plano de aula de Arte

3.1 Diretrizes

De acordo com o Minidicionário Soares Amora da Língua Portuguesa, *planejamento* significa ato ou o efeito de planejar, trabalho de preparação, elaboração de etapas. *Planejar* significa fazer o plano, projetar. *Plano* significa o projeto.

Antes de iniciar um planejamento e registrar um plano de ensino, faz-se necessário o conhecimento da legislação vigente que, através de seus parâmetros, norteia todas as ações. Um desses parâmetros é a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), documento normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Seu principal objetivo é ser a balizadora da qualidade da educação no País por meio do estabelecimento de um patamar de aprendizagem e desenvolvimento a que todos os alunos têm direito. De acordo com a BNCC, no Ensino Fundamental o componente curricular Arte está centrado nas seguintes linguagens: Artes visuais, Dança, Música e Teatro. Essas linguagens articulam saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas.

A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte. O componente curricular contribui, ainda, para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo,

além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania. A Arte propicia a troca entre culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas. Nesse sentido, as manifestações artísticas não podem ser reduzidas às produções legitimadas pelas instituições culturais e veiculadas pela mídia, tampouco a prática artística pode ser vista como mera aquisição de códigos e técnicas.

A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores. Segundo a BNCC, a prática artística possibilita o compartilhamento de saberes e de produções entre os alunos pela participação em exposições, saraus, espetáculos, performances, concertos, recitais, intervenções e outras apresentações e eventos artísticos e culturais, na escola ou em outros locais. Nesse sentido, os processos de criação artística precisam ser compreendidos como relevantes tanto quanto os eventuais produtos. Além disso, o compartilhamento das ações artísticas produzidas pelos alunos, em diálogo com seus professores, pode acontecer não apenas em eventos específicos, mas ao longo do ano, sendo parte de um trabalho em processo. Ao valorizarem a prática investigativa, os professores constituem um modo de produção e organização dos conhecimentos em Arte. “É no percurso do fazer artístico que os alunos criam, experimentam, desenvolvem e percebem uma poética pessoal.” (BRASIL, 2017, p. 193)

Os conhecimentos, processos e técnicas produzidos e acumulados ao longo do tempo em Artes visuais, Dança, Música e Teatro contribuem para a contextualização dos saberes e das práticas artísticas. Eles possibilitam compreender as relações entre tempos e contextos sociais dos sujeitos na sua interação com a arte e a cultura.

A BNCC está dividida em Ensino Fundamental anos iniciais e anos finais e Ensino Médio.

ARTE NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS: Ao ingressar no Ensino Fundamental – Anos Iniciais, os alunos vivenciam uma transição da orientação curricular estruturada por campos de experiências propostos na Educação Infantil, em que as interações, os jogos e as brincadeiras norteiam o processo de aprendizagem e desenvolvimento, para uma organização curricular estruturada por áreas de conhecimento e componentes curriculares. Nessa nova etapa da Educação Básica, o ensino de Arte tem como objetivo assegurar aos alunos a possibilidade de se expressar criativamente em seu fazer investigativo, por meio da ludicidade, propiciando uma experiência de continuidade em relação à Educação Infantil.

Dessa maneira, é importante que, nas quatro linguagens da Arte – integradas pelas seis dimensões do conhecimento artístico –, as experiências e vivências artísticas estejam centradas nos interesses das crianças e nas culturas infantis.

Tendo em vista o compromisso de assegurar aos alunos o desenvolvimento das competências relacionadas à alfabetização e ao letramento, o componente Arte, ao possibilitar o acesso à leitura, à criação e à produção nas diversas linguagens artísticas, contribui para o desenvolvimento de habilidades relacionadas tanto à linguagem verbal quanto às linguagens não verbais.

ARTE NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS: No Ensino Fundamental – Anos Finais, é preciso que o currículo em Arte assegure aos alunos a ampliação de suas interações com manifestações artísticas e culturais nacionais e internacionais, de diferentes épocas e contextos. Essas práticas podem ocupar os mais diversos espaços da escola, espalhando-se para o seu entorno e favorecendo as relações com a comunidade. Além disso, o diferencial dessa fase está na maior sistematização dos conhecimentos e na proposição de experiências mais diversificadas em relação a cada linguagem, considerando as culturas juvenis.

Desse modo, deseja-se que o componente Arte contribua com o aprofundamento das aprendizagens nas diferentes linguagens – e no diálogo entre elas e com as outras áreas do conhecimento –, com vistas a possibilitar aos estudantes maior autonomia nas experiências e vivências artísticas.

ARTE NO ENSINO MÉDIO: No Ensino Médio, na área de Linguagens e suas tecnologias, Arte, enquanto área do conhecimento humano, contribui para o desenvolvimento da autonomia reflexiva, criativa e expressiva dos estudantes, por meio da conexão entre o pensamento, a sensibilidade, a intuição e a ludicidade. Ela é, também, propulsora da ampliação do conhecimento do sujeito sobre si, o outro e o mundo compartilhado. É na aprendizagem, na pesquisa e no fazer artístico que as percepções e compreensões do mundo se ampliam e se interconectam, em uma perspectiva crítica, sensível e poética em relação à vida, que permite aos sujeitos estar abertos às percepções e experiências, mediante a capacidade de imaginar e ressignificar os cotidianos e rotinas. A proposta de progressão das aprendizagens no Ensino Médio prevê o aprofundamento na pesquisa e no desenvolvimento de processos de criação autorais nas linguagens das artes visuais, do audiovisual, da dança, do teatro, das artes circenses e da música. Além de propor que os estudantes explorem, de maneira específica, cada uma dessas linguagens, as competências e habilidades definidas,

preveem também a exploração das possíveis conexões e intersecções entre essas linguagens, de modo a considerar as novas tecnologias, como internet e multimídia, e seus espaços de compartilhamento e convívio. Somente em um ambiente propício para o engajamento dos estudantes em processos criativos individuais, coletivos e colaborativos, possibilitará uma geração de processos de transformação, crescimento e reelaboração de poéticas individuais e coletivas por parte dos alunos. Além disso, possibilita a constituição de um espaço em que as pessoas sejam respeitadas em seus modos de ser e pertencer culturalmente e estimuladas a compreender e acolher as diferenças e a pluralidade de formas de existência.

Esses processos podem emergir de temas norteadores, interesses e inquietações, e ter, como referência, manifestações populares, tradicionais, modernas, urbanas e contemporâneas. No decorrer desses processos, os estudantes podem também relacionar, de forma crítica e problematizadora, os modos como as manifestações artísticas e culturais se apresentam na contemporaneidade, estabelecendo relações entre arte, mídia, política, mercado e consumo. Podem, assim, aprimorar sua capacidade de elaboração de análises em relação às produções estéticas que observam, vivenciam e criam.

O trabalho com a Arte no Ensino Médio deve promover o entrelaçamento de culturas e saberes, possibilitando aos estudantes o acesso e a interação com as distintas manifestações culturais populares presentes na sua comunidade. O mesmo deve ocorrer com outras manifestações presentes nos centros culturais, museus e outros espaços, de modo a propiciar o exercício da crítica, da apreciação e da fruição de exposições, concertos, apresentações musicais e de dança, filmes, peças de teatro, poemas e obras literárias, entre outros, garantindo o respeito e a valorização das diversas culturas presentes na formação da sociedade brasileira, especialmente as de matrizes indígena e africana. Nesse sentido, é fundamental o protagonismo dos estudantes como apreciadores e como artistas, criadores e curadores, de modo consciente, ético, crítico e autônomo, em saraus, performances, intervenções, happenings, produções em videoarte, animações, web arte e outras manifestações e/ou eventos artísticos e culturais, a ser realizados na escola e em outros locais. Assim, devem poder fazer uso de materiais, instrumentos e recursos convencionais, alternativos e digitais, em diferentes meios e tecnologia.

4 - Considerações Finais

Esta pesquisa apresentou o conhecimento e o ensino da arte ao longo dos anos, desde os modelos europeus trazidos pela Missão Francesa ao Brasil, no período colonial, até chegar à disciplina obrigatória nas escolas com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96). Ana Mae Barbosa, pesquisadora pioneira em arte-educação no Brasil, aponta para a importância da imagem do cotidiano da história da arte e da cultura na sala de aula, a partir do contexto em que se vive, entendendo a arte na escola como expressão tanto do aluno como do professor, levando a uma análise crítica do seu próprio fazer. O conceito de Arte, quer seja Arte Clássica, Arte Popular ou Artesanato, analisado por diversos autores e por meio dos documentos normativos legais, nos permite entender a poética do fazer artístico, diretamente relacionado com uma leitura crítica das produções e contextualizando-as em uma dimensão multicultural, além do entendimento do apreciar a beleza das imagens de uma sociedade em desenvolvimento sociocultural cumprindo seu papel político de transformação social.

Concluindo, por meio da arte, é possível o entendimento das múltiplas culturas e das práticas sociais, permitindo o desenvolvimento e expressão da sensibilidade, da intuição do pensamento e das emoções.

Referências

AMORA, Antônio Soares. **Minidicionário Soares Amora da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/ Secretaria de Educação Básica, 2017

_____. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

EaD freiriana [livro eletrônico] : artigos e projetos de intervenção produzidos durante o curso **A escola dos meus sonhos** ministrado pelo professor Moacir Gadotti / Ângela Antunes, Janaina Abreu e Paulo Roberto Padilha, organizadores. -- São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2018. 3,90 Mb ; PDF Vários autores. ISBN 978-85-60867-23-3

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. **Véio**. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa559113/veio>. Acesso em: 20/03/2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo; Editora Paz e Terra, 2010.

FROTA, Lélia Coelho. **Pequeno Dicionário da Arte do Povo Brasileiro**, século XX. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2005.

GOMBRICH, E. H. **A História da Arte**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2011.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte**. São Paulo: Editora Artmed, 2003.

MORAN, Edgar . **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo, Editora Cortez 2007

JUPIASSU, Hilton F. **Interdisciplinaridade e patologia do saber** - Rio de Janeiro : Imago, 1976

OLIVA Fernando; PEDROSA, Adriano. **“Tarsila popular”**. 2019. Disponível em: <https://masp.org.br/exposicoes/tarsila-popular>. Acesso em: 20/03/2019.

SENNETT, Richard. **O artífice**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.

ZANINI, Walter. **História Geral da Arte no Brasil**. v. II. São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles, 1983.